

O HORIZONTE PSICOGEOGRÁFICO NA CIDADE: ESTUDOS URBANOS SITUACIONISTAS

Erahsto Felício de Sousa*

RESUMO: *Na cidade, após a produção industrial, os territórios e suas zonas climáticas passaram a ser objeto de estudo de alguns de seus sujeitos. Um dos aspectos que tiveram relevância no estudo urbano após a grande guerra certamente foi o aspecto psicogeográfico das ambiências urbanas. A Internacional Situacionista (IS) – grupo de artistas, estudiosos e marginais europeus que publicaram revista homônima de 1958 a 1969 – pesquisou o fenômeno urbano em um momento de reconstrução habitacional e de desenvolvimento dos países periféricos; nesse estudo deu-se relevância aos efeitos psicológicos da plástica arquitetônica no cotidiano dos indivíduos. As pessoas em geral distinguem bairros alegres de bairros tristes sem traçar-lhes qualquer consideração sob esse aspecto de mudança nas zonas climáticas. De forma que a IS debruçou-se em perceber a influência do urbanismo na sociedade almejando construir coletivamente novas ambiências e promover a revolução cotidiana. Os estudos urbanos situacionistas tinham não apenas a dimensão de estudo analítico, mas de ação política e uso dos espaços. Pensar na cidade diante do horizonte psicogeográfico é apreender cada signo implícito na plástica urbana e deslocá-los para a própria sobrevivência em meio as novas selvas de pedras.*

Palavras-chave: Internacional Situacionista; Urbanismo; Psicogeografia

Numa cidade qualquer, em uma trajetória pouco peculiar e possível, uma influência paira por sobre o transeunte que passa despercebido, é um efeito abstrato sentimental e psicológico, porém apreensível. De 1957 a 1972 um grupo originário de vanguardas artísticas européias realizou inúmeras pesquisas e estudos sobre a cidade, além de categorizar críticas a toda a sociedade *espetacular mercantil*, esse grupo, denominado Internacional Situacionista, lançou doze números de sua revista homônima pela Europa entre os anos de 1958 e 1969. Um dos aspectos mais relevantes de suas pesquisas é a *psicogeografia*, “estudo dos efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente planejado ou não, que agem diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos” (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2003, p. 65). Esse estudo visava não somente compreender os efeitos das ambiências nos indivíduos, como também possibilitar a transformação consciente dos espaços para revolucionar a vida cotidiana. De modo que mesmo que o espaço urbano seja uma consequência da ação humana, os situacionistas entendiam que ele também se comportava como uma variável dessa ação.

É nesse contexto de pós-guerra, de reconstrução das cidades Européias arrasadas pelos conflitos, de produção em série de bairros residenciais, e de desenvolvimento industrial nos países periféricos que o urbanismo irá se deslocar para um dos pontos de convergências da crítica dos grupos marginais europeus, conforme indica o urbanista utópico e então situacionista holandês Constant:

A necessidade de construir rapidamente, e em grande número, cidades inteiras, necessidade provocada pela industrialização dos países subdesenvolvidos e pela aguda crise habitacional do pós-guerra, levou o urbanismo a uma posição de destaque entre os atuais problemas da cultura (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2003, p. 98).

* Graduando em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz. E-mail: erahsto@yahoo.com.br – Autor. Orientador: Prof. Msc. Luiz Henrique do Santos Blume DFCH/UESC.

A reconstrução destas cidades tinha em seu espaço político uma luta ideológica que ia além da simples métrica e das preocupações humanitárias. A arquitetura e o urbanismo estavam sendo utilizados para incorporar o discurso de progresso – aqui entendido segundo categoria de Walter Benjamin, como desenvolvimento das técnicas que trás em si a superexploração dos proletários – e lutar contra uma possível revolução comunista. Um desses exemplos é o urbanista funcionalista Le Corbusier, que indicará em sua obra *Por uma Arquitetura* (São Paulo: Perspectiva, 2004) que a arquitetura e o urbanismo podem evitar a revolução. O monopólio da construção das cidades européias por parte dos urbanistas funcionalistas era o grande problema das vanguardas artísticas, pois além de não participarem da construção dos novos espaços ainda se sentiam vítimas dessas ambiências.

É desse contexto que irá surgir a pesquisa situacionista, um misto de ação política e estudo urbano. De antemão é preciso que se diga que este grupo se comportava como marginal à sociedade, não se referendavam na academia, não se orientavam pelas vias partidárias, e via na marginalidade das ruas novas oportunidades para uma revolução cotidiana. Era certo que os marginais de rua conheciam as ambiências como ninguém. Os guetos parisienses estavam repletos de indivíduos que usavam dos espaços urbanos para sobreviverem. E fora o contato com estes sujeitos, que deu a peça fundamental para o estudo psicogeográfico.

Se por um lado os habitantes de Paris mal conheciam a cidade, e tinham seus trajetos constantemente repetidos pela massificação do cotidiano, por outro os indivíduos que foram proibidos de habitar pela política econômica, os marginalizados, conheciam cada dobra da cidade, e se relacionavam com cada significado existente na plástica parisiense. Esse sentido de andar pela cidade percebendo seus símbolos, sentindo as influências emotivas dos ambientes será definido pelos situacionistas como um procedimento de pesquisa, e apesar de parecer uma relação comum com os espaços, irá fornecer inúmeras informações sobre a materialidade e os grupos sociais que a vivem.

Esse procedimento de pesquisa e uso da cidade será teorizado como *deriva* – “modo de comportamento experimental ligado às condições de sociedade urbana: técnica da passagem rápida por ambiências variadas” (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2001, p. 65). Um rumar sem direção definida pelos campos da cidade, deixando-se levar pelas solicitações do terreno pode parecer muito inocente, mas tem o potencial de integrar o ambiente material à sua relação com os sujeitos sociais.

Uma ou várias pessoas que se dediquem à deriva estão rejeitando (...) os motivos de se deslocar e agir que costumam ter com amigos no trabalho e no lazer, para entregar-se às solicitações do terreno e das pessoas que venham a encontrar (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2003, p.87).

A rua do baba, a esquina de prostituição, o beco da boca-de-fumo, as “meninas dos jardins” e todos os cantos da cidade mantêm uma relação de pertencimento por parte dos sujeitos aos ambientes. Já por parte do ambiente há uma relação de configuração material que envolve seus construtores. Assim, relatórios de derivas podem indicar muitos aspectos que Bernard Lepetit orienta como o cerne do estudo urbano: a relação existente entre os grupos sociais e a configuração material da cidade.

As pesquisas situacionistas, localizadas mais nos espaços das mobilizações políticas do que do devir acadêmico, buscavam apreender todos os signos de um ambiente para poder construir ambiências cujos efeitos psicogeográficos contribuíssem na satisfação de seus vivenciadores. Certamente que se preocupavam muito mais com os movimentos, e não davam atenção a inserção acadêmica, e ao que indica não queriam ser aceitos, nem suas pesquisas nem suas mobilizações.

Nossas únicas manifestações, mantendo-se raras e breves nos primeiros anos, pretendiam ser completamente inaceitáveis; de início sobretudo por sua forma e, mais tarde, ao seu aprofundamento, sobretudo por seu conteúdo. E elas não foram aceitas (DEBORD, 2002, p.25).

Mesmo na marginalidade estas pesquisas contribuíram muito no que diz respeito à heterodoxia dos métodos, quanto a não fragmentação do objeto, no caso a cidade. Voltaremos a isto mais tarde.

Um dos princípios ligados a este grupo será a luta contra o *espetáculo* – compreendido como a relação de não participação consciente e ativa na sociedade. De modo que se os moradores de determinado bairro assistem passivos à remodelação de seus espaços – por não planejarem e não construírem seus próprios ambientes –, os sujeitos em geral vivem da reação às políticas econômicas, não agindo diretamente para sua mudança imediata. Assim o Urbanismo Unitário – “teoria do emprego conjunto de artes e técnicas que concorrem para a construção integral de um ambiente em ligação dinâmica com experiências de comportamento” (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2003, p.65) – formulado pelos situacionistas é uma teoria crítica urbana contra o espetáculo do urbanismo.

Em seu livro *A Sociedade do Espectáculo* (Rio de Janeiro: Contraponto, 1997) Guy Debord irá teorizar vários aspectos da passividade causada pelo capitalismo nos indivíduos e dedica um capítulo às questões do planejamento do espaço.

A sociedade que modela tudo o que a cerca construiu uma técnica especial para agir sobre o que dá sustentação a essas tarefas: o próprio território. O urbanismo é a tomada de posse do ambiente natural e humano pelo capitalismo que, ao desenvolver sua lógica de dominação absoluta, pode e deve agora refazer a totalidade do espaço como *seu próprio cenário* (DEBORD, 1997, p. 112).

Essa não será uma crítica isolada no grupo, e a discussão sobre espetáculo irá repercutir por diversos aspectos da trajetória do grupo. A exemplo do situacionista Raul Vaneigem, um então estudante belga, que em seu artigo *Comentários contra o urbanismo*, publicado no nº 06 da Internacional Situacionista em 1961, irá definir o sentido de controle social do urbanismo: “o urbanismo basta para manter a ordem estabelecida sem recorrer à indelicadeza das metralhadoras” (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2003, p. 153). Não o bastante configura o planejamento urbano como prática criminológica e o urbanismo como realização concreta do pesadelo. Para este grupo as cidades só poderiam ser construídas por todos que a habitam, de forma que a construção coletiva contribua para a revolução dos modos de viver e agir – é por este motivo que o holandês Constant será expulso do grupo, por ter a ambição de construir a Nova Babilônia, uma cidade com três pavimentos. Attila Kotányi e Raul Vaneigem no *Programa Elementar do Bureau de Urbanismo Unitário* (nº 06, agosto de 1961) irão apresentar o urbanismo como ideologia e a arquitetura como alarido publicitário, e denunciá-los como estruturas alienantes da sociedade. O deslocamento das discussões urbanas para o ativismo político era claro e resultou em dois grandes movimentos: o Provos em Amsterdã contra a remodelação do centro dessa cidade; e os eventos de Maio de 68 na França. Debord nos dá uma boa noção sobre urbanismo e revolução:

A idéia mais revolucionária a respeito do urbanismo não é uma idéia urbanística, tecnológica ou estética. É a decisão de reconstruir integralmente o território de acordo com as necessidades do poder dos Conselhos de trabalhadores, da *ditadura anti-estatal* do proletariado, do diálogo executório (DEBORD, 1997, p. 118).

Bem, mas retornemos aos estudos urbanos. Precisamos aqui entender o estudo urbano na época dos situacionistas e essa utilização atualmente. Pensar num estudo psicogeográfico quando da existência da I.S. é muito diferente de apreendê-lo e praticá-lo hoje. Um dos principais motivos é que a busca por criação de ambiências não parece mais um ponto convergente entre os atuais problemas da cultura. Os movimentos sociais têm por algum tempo se distanciado dessas discussões – apesar do caso do Movimento Sem Teto e dos Moradores de Rua de São Paulo. Se é verdade que estas pesquisas contribuíram, ou influenciaram, alguns teóricos como Michel de Certeau e Henri LeFebvre, também não podemos esquecer que muito já foi revisto sobre esses estudos urbanos. A própria Escola dos Annales – importante revista para o estudo historiográfico –, que deu por hora tanta atenção às formas da cidade, e em outros momentos dedicou-se a estudar os sujeitos dessa cidade, apenas em seu fim foi atentada à questão de unir estes eixos. Hoje as pesquisas urbanas, que deveriam contribuir com os planejamentos e administrações urbanas, acabam por ficar reservadas a círculos acadêmicos e só são utilizadas na prática por determinados grupos sociais.

Na cidade, território, formas, grupos sociais e usos aparecem sempre representados e pintados sem que nos demos conta que todos eles correspondem à mesma coisa: o fenômeno urbano. Inicialmente é preciso compreender que a cidade está em constante mutação, por este motivo os métodos de estudo devem seguir a mesma lógica. Por sua vez é preciso mudar os métodos quando se percebe que em uma mesma contemporaneidade coexistem elementos de uma cidade com idades diferentes. E por último os usos da cidade dão uma noção diferente do *concreto armado*. Assim Bernard Lepetit chama a atenção para uma possível hermenêutica urbana:

Dissociar os estudos sobre a urbanidade e as pesquisas sobre a morfologia urbana acarreta a perda da questão urbana em sua especificidade. A cidade não dissocia: ao contrário, faz convergirem, num mesmo tempo, os fragmentos de espaço e os hábitos vindos de diversos momentos do passado (LEPETIT, 2001, p.141).

As formas e os grupos sociais se relacionam de forma a trocarem influências e criar novos espaços e novas memórias. E nesse sentido, segundo Lepetit, espaço e memória comportam uma mesma análise, por ambos se definirem no passado. As derivas e os mapas psicogeográficos, apesar de analisarem a cidade no presente, muito contribuirão para pesquisas no âmbito historiográfico, por exemplo, pois as ruas da cidade, apesar de não mais comportarem o passado, mas um presente continuado de formas de uso, tem uma ligação direta com os usos sociais dos grupos e suas memórias respectivas. Além do que, conforme este autor, os territórios são por essência memórias, onde seus conteúdos são todo formado de formas passadas. Assim “quando um grupo toma posse de um espaço, transforma-o à sua imagem. O espaço ratifica, desse modo, relações sociais, e num presente perfeito a sociedade é, em todas as suas dimensões, imediata a si mesma” (LEPETITI, 2001, p183).

Devemos ler a cidade. Como um texto a cidade, apesar de escrita, depende das múltiplas interpretações de seus sujeitos e portanto só se compreende apropriando-se. Derivar pelas ruas pode fazer parte dessa apropriação que de forma nenhuma é inteiramente intelectual, compreende a necessidade que temos de conhecer os lugares que habitamos, e habitar em si já é um bom ponto de partida.

Andar pelas ruas dará ao estudioso ou cidadão comum uma noção de urbano que ultrapassa as barreiras materiais e apreende signos relevantes para a vida cotidiana. Obviamente que a psicogeografia mudou tão como mudaram as cidades do mundo, mas os princípios e os métodos continuam a nos propiciar novas abordagens e quem sabe maiores e melhores usos da cidade. A idéia é poder levar o *horizonte psicogeográfico* para os centros de discussões casuais, tal como as reformas urbanas e política municipal administrativa.

A contribuição da Internacional Situacionista certamente ampliou – e continua ampliando – os horizontes do estudo sobre as cidades, não apenas por trazer novos elementos para uma análise integral da cidade, mas também por apresentar outros procedimentos para a pesquisa e o uso dos espaços urbanos. Discutir a materialidade urbana, tal como seu uso a partir dessa contribuição nos orienta a participar de uma pesquisa e uma vivência pelas ruas de nossas cidades, deixando-nos levar pelas solicitações dos efeitos do meio.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CORBUSIER, Le. **Por uma arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DEBORD, Guy. **Panegírico**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002.

_____. **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. **Apologia da deriva**. Paola Berentein Jacques, organização. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. Heliana Angotti Salgueiro, organização. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.